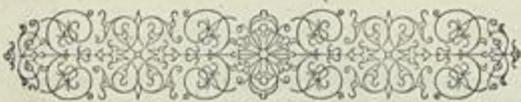
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

II ANNO | I DE JANEIRO DE 1888 | VOLUME XI N.º 325

JUBILEU DE LEÃO XIII

SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII

CHRONICA OCCIDENTAL

A Chronica do primeiro do anno não póde deixar de começar pelas boas festas.

Seguindo pois a tradicção, damos as boas festas aos nossos leitores, e crêmos ser bastantes generosos, dando uma coisa, que hoje raras pessoas dão, porque uns vendem-n'as, outros avençam-se com ellas.

Este systema de *avenças* de boas festas, foi uma das ultimas modas do anno de 1887, moda introduzida em Lisboa por um grupo de senhoras elegantes e caridosas da nossa primeira sociedade, que encontraram no seu bom senso e na sua caridade, a maneira de alegrar os pobres e os ricos, dando áquelles uma boa esmola, tirando a estes uma boa massada.

Essas distinctas senhoras, nacionalisando com muita felicidade um systema usado no estrangeiro, decretaram que qualquer pessoa dando cinco tostões para os pobres, ficava livre do compromisso de enviar bilhetes de boas festas ás pessoas das suas relações.

Eu bem sei que a administração do correio geral e os donos das minervas de Lisboa não hão de ter visto com muito bons olhos esta innovação, em compensação porém os pobres alegram-se, os carteiros folgam, e o publico livra-se d'uma pesada *corvée* do principio do anno, de andar a encartar bilhetes de visita, vasculhando na sua rhetorica imaginosa os termos mais engenhosos e originaes, para desejar ás pessoas do seu conhecimento felizes festas e boas entradas do anno, que chega.

Eu francamente, e confesso-o com toda a convicção da minha falta de elegancia, não ganhei muito com isso, porque nunca me desentranhei em cartões de visita e em estampilhas de cinco reis, do Natal aos Reis.

E nunca fiz isso porque nunca comprehendi a alta significação d'essa formula burocratica de desejar festas felizes ao nosso proximo.

Que no começo do anno cada qual procure ir ver as pessoas amigas, para com ellas se congratular de se ter vencido mais essa campanha de 365 dias, para entrar com o pé direito no anno novo, recebendo-o na companhia d'aquelles que mais estima, perfeitamente d'accordo: mas que se encha a caixa do correio, de bilhetes de visita, esfalfando os carteiros, e estafando a phrase banal e já estafadissima de «deseja a V. Ex.ª festas felizes» é que nunca percebemos muito bem para que servia e portanto que nunca fizemos.

Entretanto não deixamos de comprehender o grande beneficio que a nova moda trouxe aos lisboetas e não deixaremos de applaudir sinceramente as elegantes senhoras, que a decretaram.

Em Paris esta questão dos bilhetes de boas festas continua ainda a agitar o mundo elegante, e não é de hoje nem de hontem que a sociedade parisiense se preoccupa com esse uso, que encontrou sempre recalcitrantes, naturalmente pelo mesmo motivo, que eu nunca me submetti a elle.

No tempo da monarchia, o general visconde d'Aumont, um dos mais galantes fidalgos da côrte de Napoleão o grande, e de Luiz XVIII, luctou sempre energicamente contra o costume incommodo e insignificativo dos bilhetes de boas festas, e tanto, que no dia do anno novo fazia publicar nos jornaes de Paris, o seguinte annuncio em lettras gordas:

«O general visconde d'Aumont não manda bilhetes de visita a ninguem, mas deseja anno feliz a todos os seus amigos.»

O systema adoptado agora em Lisboa sobreleva muito ainda o systema do general d'Aumont, primeiro por que é muito menos incommodo e muito mais barato dar cinco tostões do que fazer um annuncio e mandal-o publicar nos jornaes, segundo porque o dinheiro dispendido tem muito mais santa applicação e vae alegrar muita gente triste n'estes dias das festas mais risonhas do kalendario, o nascimento do Christo, e a entrada do anno novo.

E os carteiros não devem estar tambem pouco alegres com a nova moda, sobre tudo dado o tempo medonho que tem feito n'estes dias de boas festas.

O natal de 1887 foi o natal mais invernoso que ha muitos annos tem apparecido em Lisboa.

Primeiro começou pelo frio, um frio syberiano que fez bater os queixos como nunca queixos lisboetas bateram n'este cantinho da peninsula.

O barometro principiou a descer, a descer com uma furia tal, que parecia querer ir trabalhar no tunnel da Avenida, e o frio a subir, a subir, que parecia querer gelar toda a população de Lisboa.

Entretanto, apparentemente os dias estavam lindissimos: o sol da peninsula nunca foi mais brilhante e alegre que n'esses dias, o céu de Lisboa mais azul e transparente. Vistos de dentro d'uma redoma, esses dias pareciam tudo que havia de mais primaveral: mas deitando o nariz de fóra, o nariz ficava logo transformado em sorvete de morango, tanto pelo frio como pela côr, e comprehendia-se cheio de arrepios, que esse sol e esse ceu eram duas perfidias, e que Lisboa estava transformada n'uma geleira.

Mas isto, como dissemos, foi ao principio, foi até ao Natal.

Depois como n'uma vista de magica, sobre esse scenario risonho subiu um panno de nuvens negras, um panno de nuvens negras que parecia o prologo do *Mephistopheles*, o furacão assobiando por essas ruas e travessas imitava o canto mephistophelico, e a chuva começou a cahir sobre Lisboa com uma abundancia tal, que parecia que Deus comprehendendo a necessidade que a população lisboeta tinha de uns bons douches, fizera avença com a companhia das aguas e despejava sobre a cidade, todos os reservatorios do Alviella.

Foi n'uma noite d'estas, que a Patti, o legendario rouxinol se lembrou de ir gorgear a *Linda* para S. Carlos. A chuva transformára em cataractas todas as calçadas de Lisboa, metamorphoseava em lagos suissos todas as praças publicas.

Entretanto nada d'isso obstou a que o theatro de S. Carlos se enchesse desde a orchestra até ao *paraiso:* um bocadinho mais e em vez de se ir para o theatro de carruagem ir-se-hia de bote, mas o caso era ir e toda a gente lá foi.

E valeu bem a pena a molhadela que se apanhou, pela noite encantadora que se passou n'esse theatro, onde a maior parte dos espectadores da platéa se apresentou com dupla toilette de gala —duas casacas cada um, uma de panno e outra d'agua.

A Patti cantou maravilhosamente a velha *Linda de Chamounix*, essa deliciosa partitura que Donizetti escreveu sobre o velho melodrama da *Graça de Deus*.

Eu não conheço nada mais estupido e banal que o entrecho d'esse velho dramalhão, que mesmo quando era novo era já velho, a ponto de Theophilo Gautier responder a Dennery e Lemoine, que pediam direitos d'author por se parecer com o seu drama o libretto da *Linda*, que esse libretto se parecia tanto com a *Graça de Deus*, como com a immensidade de antigos *vaudevilles* sentimentaes que a *Graça de Deus* roubara, com tudo o que de piegas e de tolo que a litteratura dramatica franceza tinha produzido desde que ha theatro e que ha saboyanos.

O *successo* enorme que no seu tempo alcançou a *Linda de Chamounix*, pertence pois exclusivamente ao maestro e comprehende-se bem esse *successo* pelo agrado com que se ouve a famosa partitura de Donizetti, pelo encanto que produz quando é cantada como o foi agora em S. Carlos.

A Patti está visivelmente cançada, a sua voz extraordinaria denuncia já os vinte e tantos annos que tem de *voz unica*, mas apesar d'isso ainda é a celebre Patti.

Quando se ouve fica-se maravilhado, e comprehende-se o effeito extraordinario, magico que essa voz e que essa artista produziriam aqui ha dez ou doze annos, pelo effeito magico e extraordinario que produz ainda no fim d'uma longa carreira de triumphos colossaes.

Esses annos de trabalho constante e de gloria, se se sentem na voz da celebre artista, sentem-se tambem na sua arte que cada dia é mais primorosa e perfeita.

A voz está um pouco cançada, faz mesmo alguma differença já do que era ha dois annos, mas a sua sciencia de canto, a arte de comediante, cada vez se robustece mais pela longa pratica e se aprimora pelo longo tirocinio.

A interpretação da *Linda* pela Patti é uma obra prima: a scena da maldição é magistral e o publico fez á grande cantora uma ruidosa ovação perfeitamente conquistada pelo seu trabalho de hoje, que não em attenção ás suas glorias passadas, porque como se sabe o publico de Lisboa é pouco respeitador das reputações consagradas, applaude só aquillo que lhe agrada, sem se importar saber com a fama que o artista traz na sua bagagem e tanto isto é assim, que já tem nos annaes da sua severidade, uma pateada ao celebre Tamberlick.

A Patti que na primeira noite da *Traviata* foi acolhida friamente e recebeu até alguns signaes de desagrado, foi acolhida ao entrar em scena na *Linda* com uma frieza cheia de reservas, quasi que um pouco hostil até.

Cantou a sua *ballada* e então o frio desfez-se, e perante a execução primorosa que teve esse trecho o publico enthusiasmou-se e fez-lhe a primeira ovação.

Estava quebrada a frieza e d'ahi por deante a *Linda* foi um constante triumpho para a celebre cantora.

Ao lado do *successo* da Patti houve tambem outro grande *successo*, um verdadeiro e ruidoso triumpho: — o de Francisco de Andrade.

O brilhante artista portuguez foi deveras extraordinario na execução do velho saboyanno.

Como cantor e como actor, Francisco de Andrade é sublime na opera de Donizetti, e depois de se ouvir a *Linda*, Portugal póde-se orgulhar de ter por seu patricio um dos primeiros barytonos do mundo, um dos artistas mais completos e mais extraordinarios do mundo musical moderno.

Rota deixou de si gloriosas recordações na *Linda*, pois o desempenho de Francisco de Andrade foi tão notavel, que sahiu triumphante de todos os confrontos e que o publico maravilhado, ouvindo cantar e representar esse papel, como nunca elle foi cantado e representado em S. Carlos, com uma arte e um talento que é o segredo dos artistas excepcionaes, nem sequer se lembrou do Rota, e fez a Francisco de Andrade uma ovação triumphal.

A *Linda de Chamounix* teve além d'isso um desempenho muito bom por parte dos outros artistas, sobresahindo entre elles o baixo Merolles que foi muito notavel e que se mostrou realmente um cantor e um artista de primeira ordem.

A sr.ª Prandi fez muito distinctamente a parte de Pierroto e a *Linda de Chamounix* é no seu conjuncto uma das operas mais bem cantadas que temos ouvido em S. Carlos, tendo por parte de Adelina Patti e de Francisco de Andrade, um d'esses desempenhos excepcionaes que marcam epocha na historia gloriosa dos mais gloriosos theatros lyricos do mundo.

O *Colyseu de Lisboa*, o novo theatro-circo da rua Nova da Palma já abriu as suas portas. Dizem-nos que é elegante e bonito: ainda não tivemos tempo de lá ir, em o visitando diremos d'elle aos nossos leitores.

Gervasio Lobato.

LEÃO XIII

I

O magnifico e admiravel espectaculo, que estamos n'este momento presenceando, é uma lição para o mundo e uma lição para a egreja. Ha muitos seculos que o pontificado não obtem tão assignalado triumpho como o que está agora alcançando, e alcança-o exactamente no momento em que se diz humilhado e escravo, quando affirma que o Vaticano é para elle um carcere! É que a supremacia moral não póde senão ser amesquinhada pelo contacto das grandezas materiaes. É que S. Pedro é mesquinho e pequeno quando desembainha a espada para cortar a orelha de Malcho, verdadeiramente grande e sublime quando prezo no carcere de Antiochia solta a palavra luminosa que serve de ensinamento e de lição. Os papas soberanos de Roma e dos Estados da Igreja herdaram a tradição de Pedro, que procurou defender Christo com as armas terrenas, os papas limitados á sua incontestavel soberania espiritual esses herdaram a tradição do apostolo exclusivamente empenhado na propagação da fé. O symbolo do poder temporal é a espada que mutilou Malcho e derramou o sangue, o symbolo do poder espiritual são as chaves do céu, promettidas pelo proprio Deus ao dedicado apostolo. A espada... disse Jesus a S. Pedro que a embainhasse, as chaves do céu e o dominio da Igreja foi o proprio Jesus-Christo que lh'o prometteu. Mas os successores do apostolo, cuja fé tantas vezes vacillou sobre as aguas do lago, no jardim das Oliveiras, e na ante-sala do palacio de Herodes, parece que lhe herdaram tambem as vacillações e a tibieza. Com as chaves do céu á cinta, suspiram saudosos da espada do poder temporal, e esse suspiro não sabemos se o não soltou um dia d'estes Leão XIII, quando recebeu o barão Kanzler e os outros officiaes do exercito pontificio. Estará perfeitamente segura a orelha do rei Humberto?

Pois a lição é clara e o exemplo é solemne. Quando teve o pontificado tanta força como n'este momento em que a thiara não vacilla com as agitações que fazem tremer a corôa? Só a idade media é que nos dá exemplo de um Papa por tal forma triumphante; mas o Papa triumphava então como chefe de um partido, e se umas vezes infligia aos imperadores a humilhação de Canossa, outras vezes recebia as bofetadas dos reis de França; se expulsava ás vezes com um gesto da sua mão poderosa o pobre D. Sancho II do throno de Portugal, outras vezes tinha de fugir elle proprio da sua Roma e ir esconder em Avignon a sua proscripta realeza. E hoje o triumpho pontificial é absoluto e completo.

Não humilhado violentamente como em Canossa, mas inclinando-se diante da sua reconhecida supremacia moral, o Cesar germanico faz do pontifice sem throno o arbitro dos destinos da Europa. Nunca pôde tanto como no momento em que declara que nada póde, nunca foi tão victorioso como agora que se diz vencido.

O espectaculo que em breve se vae desenrolar no Vaticano é verdadeiramente assombroso. Graças a Leão XIII, Roma volta a ser a cidade aonde affluem os tributos do mundo inteiro; catholicos e protestantes, scismaticos e livres pensadores sollicitam unanimemente a sua benção pacificadora. Pede-lhe o principe de Bismark que intervenha para que o imperio germanico tenha a força que julga indispensavel á sua consolidação, e em nome da rainha de Inglaterra, o duque de Norfolk implora-lhe que lhe pacifique a Irlanda. A Russia inquieta vê caminhar com passos agigantados a propaganda catholica nos paizes slavos dos Balkans, e preoccupa-se com essa força desconhecida até ahi, que póde atravessar os seus projectos. Unificador, centralisador como todos os grandes chefes de imperios, Leão XIII a pouco e pouco agrupa todos os catholicos em torno da Santa Sé, de modo a só d'elle receberem a direcção e as ordens. E assim que põe termo ao padroado portuguez nas Indias orientaes, e apanha na rede da Propaganda Fidè essas christandades mais portuguezas ainda que catholicas. Não contente com isso, aspira a acabar com schismas que teem seculos de existencia. O puseyismo inglez, esse movimento que ha muito tempo está revolvendo a sociedade anglicana approximando-a da unidade catholica, encontra n'elle quem o anime. O principe Fernando na Bulgaria representa exactamente a propaganda catholica, e os schismaticos da Egreja Grega voltam com amor os olhos para a Egreja Latina, e de um lado e do outro se principia a conceber a esperança de que a obra do 17.º concilio de Florença possa hoje realisar-se. Eis os resultados maravilhosos dos dez annos d'este pontificado, um dos mais notaveis de certo que tem de registrar a historia.

Como testemunho d'estas influencias tão universalmente affirmadas, affluem de todos os lados a Roma as dadivas de todo o mundo. Em todo o mundo catholico se celebram festas, se preparam missas, se fazem pre-exposições dos objectos que hão de figurar depois na grande exposição vaticana. E os reis e as cidades mandam as copias fieis das suas riquezas artisticas, e os calices de ouro e prata e os paramentos de ouro e seda e as thiaras carregadas de pedras preciosas, e as estatuas de ouro e prata e marmore e bronze enchem o Vaticano. As mais remotas cidades da America e as ultimas aldeias da Europa enviam os seus dons. Trabalham nas fabricas as operarias para tecer em rendas de maravilhosos lavores uma homenagem ao Papa, em toda a parte os ourives, os esculptores se affadigam para que nas salas do Vaticano appareçam todos os prodigios da arte moderna, e os cavalleiros de Malta levam-lhe a estatua de S. João Baptista e os alumnos do seminario de Anagni as medalhas que receberam em premio dos seus estudos de um anno; manda S. Luiz de Potosi a prata das suas minas, e um lavrador de Malaga o vinho das suas colheitas; manda a rainha Izabel um triptyco de Alberto Durer e um pobre pintor de Liorne o modesto desenho da casa onde Leão XIII passou uma hora da sua mocidade; as dioceses opulentas como Paris mandam uma sementeira de diamantes e os conventos pobres como o das freiras de *Corpus Domini*, de Macerata, umas toalhas de altar com rendas tecidas primitivamente com os bilros dançadores, pelas mãos enrugadas das velhas freiras devotas. Os padres estudiosos mandam um o scismographo inventado por elle, outro as obras impressas ricamente pelos seus discipulos, outro os seus trabalhos theologicos, outro as suas obras historicas. Os pobres indios convertidos da America, os Pelles Vermelhas, enviam a sua mensagem de adhesão, e a grande massa da imprensa catholica as suas assignaturas. E essa exposição vaticana vae ser não só uma riqueza collossal, mas tambem a revista gloriosa das immensas forças de que o catholicismo dispõe, passada por um pobre padre que se diz captivo, e que apparece d'esta fórma aos olhos do mundo como o general respeitado de uma immensa legião de pensadores, de trabalhadores, de apostolos, de fieis, de pobres e de opulentos, a legião sagrada do catholicismo.

Como foi que as qualidades pessoaes de Joaquim Pecci, o papa Leão XIII, prepararam este triumpho á Igreja é o que procuraremos estudar no breve estudo biographico que vamos consagrar ao Pontifice.

(Continúa.) *Pinheiro Chagas.*

AS NOSSAS GRAVURAS

VASOS DE PORCELANA

OFFERECIDOS PELO SR. BISPO-CONDE DE COIMBRA A SUA SANTIDADE LEÃO XIII

Entre as innumeras offertas feitas por todo o orbe catholico ao papa Leão XIII, por occasião do seu jubileu sacerdotal agora celebrado, figuram os vasos, que as nossas gravuras da pag. 4 representam.

São estes uma offerta do muito illustre bispo-conde de Coimbra, que para esse fim os mandou fazer expressamente á fabrica de porcelana da Vista Alegre, estabelecimento fabril importante, de que nos occupamos n'outro logar.

Os vasos são de porcelana, e de modelo e padrão originaes da fabrica, sendo obra toda de artistas portuguezes, empregados na mesma fabrica; teem de altura 0m,80 e são delicadamente pintados, como se póde fazer boa idéa pelas gravuras.

De um lado do bôjo vê se o retrato de Leão XIII, emmoldurado em fórma de medalhão; e do lado opposto um emblema pontificio, tambem emmoldurado. No pedestal, que é quadrado, tem na frente as armas pontificias, com a inscripção latina *31 Decembris 1887*, e nas tres faces a seguir as armas do bispo de Coimbra, com a inscripção *Off. E Conimbricensis*, as armas de Aveiro, com a inscripção *Amoris argumentum*, as armas de Portugal, com a inscripção *Observantiæ pignus*.

A elegancia e execução d'estes vasos affirmam, mais uma vez, a perfeição dos productos da fabrica da Vista Alegre, aliás tão vantajosamente conhecidos no paiz e no extrangeiro, onde teem sido premiados em varias exposições.

Folgamos de poder registar n'estas paginas a primorosa offerta do nobre prelado conimbricense, que é ao mesmo tempo um primor da arte nacional.

TUMULO DE D. SANCHO I NO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

O famozo tumulo de D. Sancho I, que a nossa gravura reproduz, é uma das mais preciosas obras d'arte que se póde admirar no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Está este tumulo edificado na capella mór da egreja, do lado da epistola e defronta com outro egual e não menos bello, em que se guardam os restos do fundador da monarchia portugueza, D. Affonso Henriques.

Estes dois tumulos foram mandados fazer por el-rei D. Manuel que, visitando, em 1502 as sepulturas dos dois primeiros reis de Portugal, e achando-as demasiado modestas para guardarem os restos dos dois valorosos guerreiros, ordenou a construcção de dois novos tumulos na capella mór da egreja de Santa Cruz, que então se andava reedificando.

A obra, ao que parece, feita pelos mesmos artistas que trabalharam no frontispicio do templo, sahiu primorosa como se vê.

O tumulo de D. Sancho de que nos occupamos, está em melhor estado de conservação que o de D. Affonso e por isso chama mais a attenção do visitante, sem que isto o faça esquecer do outro ao qual estão ligadas as mais gloriosas recordações patrias do grande rei conquistador, de quem disse Castilho:

«Não nasceu Rei, senão maior do que Rei, como aquelle que de si mesmo havia de brotar a realeza: não tomou do berço a purpura, mas tingiu-lh'a a victoria com sangue de infieis: não achou feito o sceptro, que de sua lança robusta lh'o houve de lavrar sua mesma virtude, não alardeava eras o seu throno, mas estreou-o elle, e no estreal-o lhe imprimiu veneração que ainda hoje dura; throno a que lançou por fundamento o ferro de mais de trinta espadas de reis vencidos, como do ouro de mais de trinta corôas fundiu a sua. (1)

A architectura d'este tumulo ostenta todas as bellezas do gothico. Por entre os pilares assentam elegantes nichos encimados por baldaquinos de rendilhado lavor, e sob estes estão differentes esculpturas de santos que descançam em bem talhadas peanhas esculpidas. O arco vasado na parede é um primor de delicadeza, nas bem entrelaçadas folhas, troncos e fructos que o guarnecem. Por sobre este arco veem-se as armas de Portugal e a esphera de el-rei D. Manuel, suspendidas por dois anjos. No vão do arco veem-se tres nichos com baldaquinos e peanhas sendo o do centro occupado por uma imagem da Virgem e os outros por outras imagens de santos, tudo do mais primoroso trabalho de esculptura; por baixo está o tumulo tendo estendida sobre a tampa a estatua de D. Sancho com armadura. A figura tem na cabeça, que descança sobre uma almofada, a corôa de rei, que parece foi alli collocada posteriormente, por ser corôa fechada; aos pés da estatua está um leão.

Na face do tumulo, dois anjos, em relevo, seguram uma facha na qual está a seguinte inscripção:

SANCIUS I LUSITANIAE REX
II. DIFFICILLIMIS TEMPORIB.
REGNANS, CEU PATRIAE PATER, RE-
GUNQUE EXEMPLAR EGREGIUM.
OBIIT ANNO CIƆCCXI. AETAT LVII.

Em portuguez quer dizer:

D. Sancho I, segundo rei de Portugal, pae da patria e illustre modelo dos monarchas, havendo reinado em tempos difficeis, falleceu no anno de 1211, tendo de edade 57.

Foi no anno de 1520 a 16 de julho, segundo parece mais exacto (2), que se fez a trasladação dos restos de D. Sancho e de D. Affonso para estes tumulos, acto celebrado em presença de el-rei D. Manuel e da sua corte, com grande concurso de povo.

FABRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE

I

A historia da fabrica de porcelana da Vista Alegre prende-se intimamente com as primeiras tentativas do fabrico de porcelana em Portugal.

Temos diante de nós um folheto do sr. Marques Gomes, *A Vista Alegre, apontamentos para a sua historia*, do qual nos vamos soccorrer para esta rapida noticia.

Diz o sr. Marques Gomes que as primeiras experiencias para obter a porcelana em Portugal foram feitas pelo brigadeiro Bartholomeu da Costa, na antiga fabrica do Rato, em Lisboa, com differentes barros explorados nas visinhanças de Aveiro.

Do resultado d'estas experiencias, pouco satisfatorias, são hoje apenas conhecidas uma medalha em relevo, representando a estatua equestre de D. José I e uns camapheos com o busto de D. Maria I, copias uma e outros, de medalhas gravadas, em 1775, pelo gravador aveirense João de Figueiredo.

Mais tarde fizeram-se, para o mesmo fim, experiencias em Coimbra, que tambem não deram resultado satisfatorio.

Foi de 1820 a 1822 que o sr. José Ferreira Pinto Basto tentou descobrir barros apropriados ao fabrico da porcelana, e para esse fim estabeleceu um laboratorio chimico, no jardim do seu palacio do largo das Duas Egrejas, em Lisboa.

Começou então uma verdadeira lucta, que só uma grande força de vontade e energia poderam vencer.

(1) Este trecho encontramol o, transcripto a respeito do tumulo de D. Affonso Henriques no *Guia do Viajante em Coimbra* do sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro.

(2) Veja-se o *Guia do Viajante em Coimbra* a que já nos referimos.

Não obstante as primeiras experiencias do sr. Pinto Basto não serem muito animadoras, reconheceu este cavalheiro a possibilidade de um bom resultado, e proseguiu nos seus trabalhos, resolvendo fundar uma grande fabrica.

Escolheu Aveiro para estabelecer a fabrica, por ser este o logar em que existiam as minas de barro que melhor materia prima offereciam á sua industria, e depois de ter tentado adquirir para esse fim a quinta dos Santos Martyres, em Aveiro, o que não poude conseguir, foi fundar a nova fabrica no sitio da Vista Alegre, pouco distante da hoje cidade de Aveiro.

Em janeiro de 1824, principiaram os trabalhos de edificação dirigidos pelo sr. Augusto Ferreira Pinto Bastos, filho do fundador, e á maneira que esses trabalhos progrediam, continuavam as experiencias para se obter a porcelana, sem que se chegasse a um resultado satisfatorio.

Isto não desanimou, porém, o sr. José Ferreira Pinto Bastos, e ao contrario o instigou a successivos estudos e diligencias, tratando ao mesmo tempo de garantir o que já tinha conseguido e esperava ainda alcançar, por meio de previlegio que requereu e lhe foi dado por el-rei D. João VI, á similhança do que havia sido concedido á fabrica de vidros da Marinha Grande.

Mandou vir da Saxonia tres artistas, contratados, para dirigirem o fabrico da porcelana, mas dos tres só chegaram dois a Portugal, e d'estes só um, José Scorder, prestou serviços á fabrica como modelador, ensinando alguns discipulos.

Para a officina de pintura contratou o sr. Pinto Basto, João Maria Fabri e Manuel de Moraes, alumnos da Casa Pia de Lisboa, dos quaes o primeiro morreu um anno depois, e o segundo alli esteve até 1833 trabalhando como esculptor.

Apesar do concurso de artistas estrangeiros, as condições do fabrico da porcelana pouco tinham melhorado, e isto levou o sr. José Ferreira Pinto Basto a mandar, em 1830, a França, seu filho o sr. Augusto Ferreira Pinto Bastos, afim de estudar na fabrica de Sevres os processos do fabrico da porcelana.

O resultado d'este estudo foi o reconhecer-se que para o fabrico da porcelana era indispensavel o kaulin, o que até então não era conhecido na fabrica da Vista Alegre.

Procurou-se encontrar o kaulin em differentes amostras de barros que se reuniram de todos os pontos do paiz, e ao tempo que o sr. Pinto Basto empregava todas as diligencias para o conseguir, um modesto aprendiz da fabrica seccundava essas deligencias, fazendo por conta propria experiencias com alguns barros, que a seu pedido lhe traziam do concelho de Ovar e da Feira, os operarios que vinham trabalhar na construcção da fabrica.

Este aprendiz, que tinha, porventura, o amor do trabalho e a applicação do verdadeiro artista, foi quem descobriu o desejado kaulin, que habilitou a fabrica a produzir a porcelana, o que data de 1834.

O nome d'esse artista era Luiz Pereira Capote, natural de Ilhavo, e conservou-se na fabrica até 1870, anno em que falleceu.

Data, portanto, de 1834 o aperfeiçoamento da porcelana da fabrica da Vista Alegre, e d'esta mesma data o seu desenvolvimento, de modo que em 1840 já encontramos a fabrica competindo, na qualidade dos seus productos, com as fabricas estrangeiras, embora não concorresse nos preços, o que não é para admirar attendendo ao grande desenvolvimento das industrias estrangeiras.

A caristia relativa da sua louça, difficultou o vulgarisar-se no paiz durante alguns annos, mas desforrou-se bem d'esta falta, por occasião da revolução da Maria da Fonte.

Por este tempo tinha a fabrica os seus armazens cheios de louça, e os seus proprietarios receiosos de que alguma invasão tumultuaria lhes destruisse os seus depositos, resolveram fazer venda prompta por preços limitados, e assim deram extracção ás loiças em deposito, tornando-as por este facto conhecidas em todo o paiz.

Hoje a loiça da Vista Alegre é conhecida d'entro e fóra de Portugal, e tanto na sua qualidade como no seu preço, já rivalisa com os productos similhantes estrangeiros.

Attestam-o os diplomas e medalhas alcançados nos grandes certamens das exposições internacionaes de Londres, de Paris, de Philadelphia, de Vianna d'Austria e nas exposições portuguezas no Rio de Janeiro e no Porto.

Attestam-o o desenvolvimento do seu consumo que em 1860 era de 21:949$000 réis, e em 1880 se elevou a 49:750$000 réis.

Attestam-o a bella exposição permanente das suas louças, no seu deposito do largo das duas Egrejas, em Lisboa, loiças que muitos vêem pensando que são estrangeiras, pela idéa dominante

JUBILEU DE LEÃO XIII

VASOS DE PORCELANA—OFFERECIDOS PELO SR. BISPO-CONDE DE COIMBRA A SUA SANTIDADE LEÃO XIII

(Segundo photographias de Sartoris)

nos nossos compatriotas, de que em Portugal não ha industria além da dos palitos de esgravatar os dentes e pouco mais.

Razões de sobra haveria effectivamente para não haver industria no paiz, porque tudo conspira contra ella, desde as altas regiões do poder até ao mais analphabeto consumidor, sendo tal a preferencia que se dá aos mais insignificantes productos estrangeiros, que a muitos dos nacionaes é preciso mascarar e occultar a sua origem, para terem consumo.

Isto, porém, é uma questão velha e que só vem aqui por incidente, mas que entretanto dá mais relevo aos que lutam pelo trabalho nacional, não lhe bastando as difficuldades inherentes á producção de qualquer industria, mas ainda a reluctancia do publico em a acceitar.

(Continua). *C. A.*

OS IRMÃOS ANDRADES

II

A biographia dos dois illustres cantores Antonio e Francisco de Andrade é facil de fazer, porque, apesar de muito gloriosa já, é muito curta ainda.

Tanto um como outro contam apenas cinco annos de carreira artistica, pois foi em 1882 que elles ambos se estreiaram, Antonio de Andrade, o tenor, em 30 de setembro no theatro de Vareze cantando a *Favorita;* Francisco de Andrade, o barytono, fazendo o Amonasro da *Aida*, no theatro lyrico de *San Remo*, em 22 de setembro do mesmo anno.

E essas duas estreias foram duas acclamações triumphaes, que prognosticaram logo a carreira brilhante que os esperava, a gloria radiosa que em breve havia de aureolar os seus nomes.

Antonio e Francisco de Andrade são filhos do dr. Justino de Andrade, um advogado illustre, muito conhecido em Lisboa pelas suas notaveis aptidões e pelos seus profundos conhecimentos juridicos.

Foi em Lisboa que nasceram os dois illustres artistas, foi em Lisboa que se crearam, e que receberam a sua educação litteraria, uma educação muito completa, que bem raras vezes se encontra nos artistas mais illustres.

Filhos de uma familia distincta, bem relacionada em Lisboa, na creação e educação que tiveram, no meio em que nasceram e cresceram os dois hoje notaveis artistas, adquiriram uma distincção elegante, essas maneiras primorosas de homens de boa sociedade, que os torna tão sympathicos e queridos nas salas, como o seu bello talento e a sua delicada arte, os faz queridos e adorados, no palco.

Seu pae, o dr. Justino de Andrade é um dos principaes accionistas, o principal proprietario do theatro do Gymnasio e Antonio e Francisco de Andrade, começaram naturalmente, desde muito novos, a frequentar assiduamente esse theatro, a viver na intimidade dos actores portuguezes mais illustres.

Essa convivencia com artistas veiu de molde para mais rapidamente desenvolver a grande vocação que os dois Andrades tinham para o theatro, e um bello dia os dois filhos do dr. Justino começaram a representar, em recitas particulares, e o que mais é, a representar deliciosamente, com grande assombro e alegria dos grandes artistas seus amigos.

N'essas peças que elles representaram, como curiosos, *Os campinos, Os fidalgos da casa mourisca, O fidalgo pobre,* os dois Andrades deixaram logo adivinhar as altas qualidades artisticas que deviam fazer d'elles, cantores, dois comediantes de primeira ordem, essas qualidades que deviam fazer dizer a um critico musical, quando Francisco de Andrade debutou na *Aida*, esta phrase, que a tão poucos grandes artistas se póde applicar: «Dir-se-hia Salvini, sob as vestes de Ronconi.»

Ao mesmo tempo que tinham um pronunciado

TUMULO DE D. SANCHO I NO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Segundo uma photographia de Santos)

talento dramatico, os dois Andrades tinham tambem voz, uma voz que sahia muito do vulgar das vozes dos cantores de sala, uma voz que em varios concertos particulares, em varias *soirées* intimas, fazia a admiração e o encanto de quem os ouvia. Antonio tinha voz de tenor, Francisco voz de barytono. O professor de canto Carreira começou a dar-lhe umas licções, e com essas licções, as vozes dos dois Andrades principiaram a adquirir um volume, uma sonoridade, que fizeram advinhar ao seu mestre e aos amigos que ali estavam dois artistas a valer.

Então a idéa de ser cantor, começou a germinar no cerebro dos nossos dois illustres patricios: o theatro de S. Carlos começou a ser o seu theatro favorito, e na epocha em que estiveram em Lisboa a Borghi, o Tamagno e o Pandolphini, as suas relações com estes illustres artistas, as ovações constantes de que elles eram alvo decidiram os dois Andrades.

E foi dito e feito.

Decidiram-se a seguir a carreira lyrica e partiram para a Italia a fazer os seus estudos.

Encontraram dois mestres maravilhosos: o Miraglia e o Ronconi, o grande tenor e o grande barytono, que tinham enchido, com a sua fama e com os seus triumphos, todo o mundo lyrico.

Os dois notaveis artistas affeiçoaram-se profundamente aos seus discipulos portuguezes, comprehenderam logo com o seu bello olho artistico, que lhes tinham ido parar ás mãos dois artistas de raça e dedicaram-lhes todas as attenções, que um bom mestre, dedica sempre a um bom discipulo, em quem vê uma gloria futura.

E Ronconi e Miraglia não se enganaram, como não se enganara a voz secreta que inspirara os Andrades a encetar a carreira, como não se enganaram os amigos que os tinham aconselhado a seguir o impulso da sua vocação: a estreia dos dois noveis artistas em 1882 e os triumphos collossaes obtidos n'estes cinco annos decorridos até hoje, ahi estão a proval-o.

E é aqui que se bifurca agora a biographia artistica d'esses dois gloriosos artistas, que até então tinham andado sempre juntos.

Antonio de Andrade, o tenor, como já dissemos, debutou em 30 de setembro no theatro lyrico de Vareze, no papel de Fernando na *Favorita*, e debutou com um exito que nunca se atrevera a esperar.

Esse exito accentuou-se ruidosamente na segunda opera, que cantou—a *Lucia*, e que lhe valeu uma ovação.

De Vareze, Antonio de Andrade passou a Livorno onde cantou sempre com crescente *successo*, o *Rigoletto*, o *Fausto*, os *Promessi Sposi*, de Ponchielli, sob a direcção d'este grande maestro que infelizmente a Italia tão cedo perdeu, de Ponchielli que o escolheu e fez escripturar para cantar a sua opera.

Na capital da velha republica do Prata, Antonio d'Andrade escripturado para dar 4 recitas, teve que cantar em 8 recitas, tal foi o successo que alcançou no *Rigoletto* e no *Baile de Mascaras*.

D'ahi passou a Milão onde salvou uma empreza que estava a fallir por não lhe agradar nenhum dos tenores, que tinha apresentado ao publico.

O tenor portuguez, chegou, cantou o *Rigoletto*, teve uma ovação enorme, o theatro principiou a ser concorrido, e na noite da sua despedida, Antonio d'Andrade foi cumprimentado no seu camarim, por uma commissão de senhoras milanezas, que, despresando as praxes da etiqueta, quizeram mostrar quanto admiravam o excellente tenor que as arrebatara no *Baile de Mascaras*, no *Rigoletto*, e na *Linda*.

(Continua.) *Gervasio Lobato.*

O INFANTE D. HENRIQUE

(O GRANDE NAVEGADOR)

IV

C'est aux decouvertes des portugais dans le vieux monde, que nous sommes redevables du nouveau.

VOLTAIRE.

Ha um relatorio que refere os *grandes feitos* do Bethencourt seja dito em abono da sua memoria, nunca d'elles teve conhecimento. E, os proprios francezes, só de taes *feitos* se lembraram passados mais de quatro seculos!

Richar Major, o erudito inglez amigo de nossa justiça diz:—«Gil Eannes, por impulso de pura «e exclusiva coragem e perseverança *dobrou*, em «1434, o cabo Bojador, *o que Bethencourt nunca «fez*...»

A importancia da passagem do Bojador, é incommensuravel!

Abriu-nos o caminho para a montagem do cabo da Boa Esperança em 1487, permittiu a C. Colombo a descoberta das Americas centraes em 1492, e deu a India a Vasco da Gama em 1497.

Demonstrada a *etourderie* dos francezes com respeito ao seu *Bugeder* pelo honrado Richard, vamos, ligeiramente, porque o caso não merece mais, varrer de vez um boato quasi calumnioso que parece originado de uma busca de documentos historicos na bibliotheca da Camara Municipal de Lisboa.

Não foi o nosso *amigo* Stanley, nem o apparatoso explorador Brazza, nem de ess'outros nossos *amigos* da celebre conferencia de Berlim, que surdiu a noticia intempestiva, referente ao caso de o nosso grande infante D. Henrique comprar escravos, ou simplesmente agarral-os para os vender, e com o dinheiro de taes vendas se locupletar a si e aos seus homens!

Não veio de nenhum dos nossos inimigos,—Stanley, etc,—o desacato commettido para com a memoria do nosso glorioso navegador!

Foi aqui, onde se gerou tal descoberta! em Lisboa, no archivo do primeiro municipio da nação!!

E querem os leitores saber de onde nasce o leviano ou indecoroso boato? é simples: o *Jean de Bethencourt*, um bello dia, vinte e nove annos antes de Gil Eannes dobrar o cabo, é arrojado por um temporal á enseada *ao norte* do Bojador descripto pelo almirante Roussin, e ao desembarcar faz presa larga em quantos homens e mulheres poude encontrar!!!

Não *dobrou* o cabo, não o viu, esse bandido dos mares, esse pirata Bethencourt, e praticou um acto por que os portuguezes haviam de ser accusados, quando lá chegassem, trinta annos depois!

Pelos sitios em que a escravatura foi feita deprehende-se que Bethencourt andou mais de sete leguas por terra dentro, mas o que nunca se provou é para que lado ou, ao certo, em que rumo.

Ora sabido isto, o documento da epocha que a essa supposição se refira, perde toda a importancia logo que a escravatura feita pertence a um francez que a praticou, pouco mais ou menos, trinta annos antes da chegada áquelle ponto dos homens da casa do infante D. Henrique.

Visto como já sabemos o valor da condemnavel ignorancia com que os escriptores francezes pretendiam supplantar a imperecivel reputação do maior impulsor das descobertas maritimas, o sabio D. Henrique de Portugal, abandonemos tambem ao esquecimento que portuguezes, como os de hoje commettam lamentaveis leviandades como a que vimos de referir.

Agora: para mais rapidamente esquecermos este incidente vamos transcrever um precioso trecho historico, uns periodos do sapientissimo orador sagrado, o celebre estylista Antonio Vieira, o primeiro burilador da palavra portugueza, e que versam sobre o nobre proprietario da *Tercena Nabal*.

Padre Antonio Vieira, o vulto grandioso do pulpito portuguez, por occasião do nascimento do quarto filho de el-rei D. Pedro II, em 1691, proferio o seguinte notavel discurso, na intenção de provar que a nação portugueza não devia ver nos infantes, simples entidades filhos de reis, mas sim homens que quando trabalhavam como o filho de D. João I, podiam tornar-se utilissimos ao paiz que os sustentava.

Padre Antonio Vieira, depois de orar com a proficiencia que lhe dava o profundo estudo que tinha da linguagem de Fr. Luiz de Sousa demonstrando eloquentemente o estado prospero do nosso Portugal n'aquella epocha; chegou a este ponto:

....

«Esta navegação, estas viagens, este caminho maritimo para a India, China, e toda a Azia, havia-o antigamente? Não: nem rasto, ou pensamento humano de tal caminho; antes mais doutos e sabios entendimentos o tinham por impossivel. Quem foi pois o que intentou, e conseguiu esta tão notavel e nunca imaginada empreza? É certo que o infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João I de Portugal, e irmão d'el-rei D. Duarte.

«Desterrou-se da côrte na flor da edade este heroico principe, foi-se viver entre o ruido das ondas nas praias mais remotas do reino: e d'ali por meio dos seus fortissimos argonautas, rompendo mares, vendo promontorios, descobrindo novas terras, novos céus, e novos climas, com immensos trabalhos e horrendos perigos, e com igual constancia de quarenta annos, em fim mostrou ao mundo o que o mesmo mundo não conhecia de si, e não possibilitou sómente, mas facilitou aquelle natural *impossivel*.

«Era governador da Ordem militar de Christo, instituida por el-rei seu pai contra os infieis, e a estes moveu novas guerras; era insigne cosmographo e mathematico, e a esta sciencia accrescentou a pratica do que só havia escuras opiniões, ou não se tinha chegado a ter suspeitas; era sobre tudo varão de elevado espirito, vida santa *e pureza*, como dizem as historias, *virginal*.

«E ao passo que ia descobrindo novas gentes barbaras e idolatras, o zelo ardentissimo de as converter á Fé lhe ministrava novos espiritos; e Deus, a quem tanto servia e agradava, maiores impulsos lhe doava para proseguir a empreza.

«E se a providencia divina fiou, e encarregou os principios d'esta celestial conquista a um infante de Portugal; os fins d'ella já tão facilitados, porque os não fiará a outro? Se o terceiro filho d'el-rei D. João I foi o que lançou a primeira pedra no edificio já tão levantado da Egreja Oriental, o filho quarto d'el-rei D. Pedro II, do mesmo sangue real, e de paiz tão zelosos da propagação da Fé, e piedade christã, porque não será aquelle, para quem Deus tenha guardado o fechar as abobadas do mesmo edificio, e levantar n'ellas por remate o trophéo do Crucificado com as cinco triumphantes divisas, que o mesmo Senhor, e da mesma cruz nos mandou pintar nas nossas bandeiras?»

....

Com este documento, com o testemunho do notavel e elegante orador portuguez, Antonio Vieira, comprovâmos, tudo quanto até aqui temos affirmado com respeito a D. Henrique de Portugal.

Para preparar o espirito dos seus homens do mar, creou D. Henrique em Lisboa a primeira Cadeira de Mathematica, a fim de que as observações d'aquelles se firmassem n'uma base scientifica.

E até comprou por 400 corôas velhas a João Annes, armeiro do rei, uma casa que cedeu para a Universidade de Lisboa; começando a funccionar a referida Cadeira em 1434.

Já n'aquelle tempo, e devido aos esforços de D. Henrique, se estudava meteorologia. Prova-se isto com o que seu irmão, o illustrado e eloquente rei D. Duarte I, deixou n'uns manuscriptos encontrados no convento dos Cartuxos em Evora, a que se refere Souza nas suas *Provas*; diz elle:

«Quando apparecer a Lua Nova toda verme«lha significa muitos ventos. Se a ponta mais «alta fôr escura, significa chuva. Se resplandecer «como a agua que levantam os remos, significa «que será cêdo tormenta no Mar. Se fôr escura «no meio significa que fará bom tempo quando «fôr cheia.»

O infante não attribuia, intimamente, a *milagres* o extraordinario successo que ia tendo a sua gigantesca empreza, e a mathematica não era uma palavra de hereticos no seculo de este glorioso investigador portuguez.

Parece que foi pelo anno de 1415 que D. Henrique mandou o primeiro navio em viagem de exploração, segundo uma declaração de Diogo Gomes, almoxarife do palacio de Cintra; o mesmo maritimo a que já nos referimos, anteriormente, que acompanhou, no mar, o infante, e só o deixou quando aquelle grande homem falleceu.

Dizia o velho maritimo Diogo Gomes, que a primeira expedição enviada pelo infante fôra governada por João de Trasto, fidalgo luso. Um violento temporal arrojou o fidalgo para as ilhas Canarias, conseguindo á custa de muito labôr e coragem regressar á costa de Portugal

Todos os annos, desde 1415, o infante mandava um navio percorrer a costa de Africa, até onde possivel fosse. A côrte, ou porque realmente lhe pezasse a austeridade de D. Henrique, ou porque, áquella data, não fosse de grande utilidade o resultado de taes expedições, o certo é que, manifestamente, censurava junto do rei as quantiosas sommas que o infante prodigalisava então, sem reconhecido effeito.

Porém, o descobrimento das ilhas do Porto Santo e Madeira, foi o fructo primario do generoso empenho do infante, que veio emudecer os invejosos e assombrar os mais incredulos.

Uma narrativa de Francisco Alcoforado, escudeiro de D. Henrique que acompanhou Gonçalves Zarco da Camara n'esta viagem, deu logar a que o nosso elegante escriptor D. Francisco Manuel de Mello escrevesse nas suas *Epanaphoras* em 1660 a brilhante descripção d'este audacioso feito maritmo. Por isso nos abstêmos de mais minuciosa descripção.

D. Francisco Manuel de Mello o estylista mais scintillante que teve o seculo XVII era descendente do descobridor da Madeira; e portanto tinha de casa documentos que muita auctoridade davam ao que sobre o assumpto escrevesse. Tem-se querido attribuir aquella importante descoberta a hespanhoes e italianos: a palavra *Funchal*, que se deu á primeira villa da Madeira, é derivada do termo portuguez *funcho*: planta que vegetava exuberantemente n'aquelle delicioso tempo do Oceano. Do hespanhol *hinojo* e do italiano *finocchio* nunca se poderia ter tirado Funchal, mas sim muito sensatamente da palavra portugueza *funcho*.

Zarco Gonçalves da Camara em julho de 1420, por ordem de D. Henrique, fez força de villa para a ilha de Porto Santo. Este official ganhára as suas esporas de ouro na guerra de Ceuta, sob as ordens do infante, e foi o primeiro capitão da marinha portugueza que usou a bordo da artilheria.

Entre os companheiros de Zarco iam Ruy de Paes, o primeiro portuguez que pôz pé na ilha, e Francisco Alcoforado, o chronista, ao qual se refere o nosso encantador D. Francisco Manuel de Mello, o que dizia da saudade: — *é mal de que se gosta e um bem de que se padece.*

Zarco tomou posse da ilha em nome do rei de Portugal, do infante D. Henrique seu mestre e da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Para que se não duvide da segurança e calculo com que por aquelles seculos se fazia a guerra: — não era só arrojo temerario! — eis as cautelosas instrucções que el-rei de Portugal D. Duarte I dirigio a seu irmão o infante D. Henrique para exercel-as na tomada das praças de Tanger, Alcacer e Arzilla.

«Irmão. Como, prasendo a Deos, chegardes a Cepta, logo me escree; porque por mar e por terra porey taaes paradas, perque cada dia possa haver boas novas e recados de vós. E, como hy fordes, da frota que levaaes, farees tres partes, e em cada huña meterees a mais pouca gente que poderdes: a huña destas partes enviarees sobre Alcacer, e a outra sobre Tanger, e a outra sobre Arzilla; por tal que huns com receo della, e por se segurarem, nom ajam razon de soccorrer aos outros. E como á frota derdes este aviamento, ordenay logo toda a outra gente por terra, com aazes regradas, enviando diante 500 ginetes que, legoa ou mea, como melhor virdes, vaão diante pelos portos mais seguros que souberdes, atee serdes sobre este lugar; porque como (quando) fordes sobr'elle, segundo a muyta artelharia, e boõs aparelhos que levaees, logo, com a graça de Deos, som seguro de vós, e de vossa gente. Outro sy poerees vosso arrayal ao mar: e se a gente nom for tanta, que pera isso abaste, toda via huña das pontas do arrayal venha ao mar; pera da terra da aquem poderdes aver refresco, mantimentos, e soccoro, e terdes seguro recolhimento, se vos cumprir. E como assentardes vosso arrayal, dahy a tres dias vos trabalhaae de combater o lugar muy rijamente: e so deste primeiro o nom poderdes, dahy a outros tres dias o tornay, com todas as forças e aperto, a cometer: e se deste segundo combate se vos defender, e o nom tomardes, d'hy a outros dias que vos bem parecer, com muita força e grande determinaçon o cometee; e se volo Deos der, como nelle espero, ficarees nelle com aquella gente, que razoadamente abastar para ho defenderdes, e a outra me enviae com a frota, por escuzar a grande despeza que faz com seus fretes. E se do terceiro combate o nom poderdes tomar, nom estees mais sobre elle dia, ou ora, e recolheevos logo com toda a vossa gente da frota, e vinde-vos a Cepta, onde me esperarees atee o Março que vem; porque, prasendo a Deos, entom hyrey com quantos ha em meos Regnos.»

Por estas instrucções se vê que el-rei D. Duarte, além de *eloquente* como o cognominou a historia, era muito previdente, porque, se tudo fosse cumprido como el-rei determinava, as chronicas do tempo não teriam a registar as faltas que deram logar á existencia do celebre *captivo de Fez*, o infante D. Fernando, irmão do nosso glorioso navegador.

(Continúa). *Manuel Barradas.*

SCENAS

O ULTIMO BEIJO

A manhã despontara tão triste como a noute. Margarida, sentada ainda no tosco canapé da saleta, quedava-se absorta em dolorosos pensamentos, embalando nos braços enfraquecidos pelo martyrio, o pequenino cadaver do filho, como se tentasse com esse meigo balouçar, chamal-o á vida, e aquecer o corpinho gelado do morto com os seus beijos ardentes.

Lutára toda uma noute e nunca o amor de mãe fora mais heroico. Hora a hora, minuto a minuto, ella viu a pouco e pouco sumir-se a luz d'aquelles olhos onde ardiam lentamente o seu amor de mãe e a sua esperança de enfermeira. Sosinha, no sombrio silencio do seu quarto, sem ter ali junto a si, outro cerebro que pensasse como o d'ella, outro coração que soffresse, outros labios com quem trocasse essas phrases de duvida e de fé, Margarida comprehendia bem todo o horror da sua desgraça.

O marido que sahira pela manhã, e que voltára alta noute, dormia a somno solto, n'esse somno pesado e barulhento de quem trabalha muito mais com a intelligencia do que com a alma, e a quem interessa mais uma descoberta scientifica do que a doença de um filho. Entrára, mal olhára para a creancinha que se torcia em convulsões medonhas no collo da mãe, e deitára-se. Deixára-os sósinhos, os dois, e pela face macillenta de Margarida corriam as lagrimas com tanta força, como na corrente do rio, passa o barco abandonado. N'essas lagrimas iam todas as suas esperanças de mãe, todas as suas illusões de esposa.

Era já madrugada, quando no olhar embaciado da creança ella viu extinguir-se de todo, falto de forças, a pouca vida que este tinha, ao mesmo tempo que se apagou, falta de azeite, a tenue luz da lamparina, illuminando o Christo ensanguentado, ultima reliquia de familia.

*

Quando o marido acordou, ia já alta a manhã e Margarida não havia despregado os seus olhos um só minuto da fronte da creança. Como a todos, a quem a saudade punge, ella quiz assistir impassivel, n'essa impassibilidade em que se transforma sempre a coragem de uma mãe, depois da morte do filho, á decomposição lenta do cadaver.

Não sei se todos os que leem esta historia, singela mas verdadeira, repararam alguma vez nos pequeninos cambiantes da fronte de um cadaver. A principio a physionomia, fulminada pela morte, tem quasi sempre a apparencia de um somno ligeiro, algumas vezes até de um somno feliz, tão expressivo se apresenta o sorriso nos labios do moribundo, depois, á medida que a brancura do paciente se transforma na côr de cera do cadaver, se o fitarmos cuidadosamente, parece-nos ver oscilar a fronte, respirar, como que a tomar alento. Infelizmente isto não passa ou de uma illusão optica ou de um trabalho de decomposição cadaverica que a sciencia explica.

Margarida olhando o corpo inanimado do filho, tivera essa mesma impressão. Por vezes pareceu-lhe que era mentira a frialdade d'aquelle corpo, que era somno o descançar d'aquella cabecinha tão loura, tão fresca, tão meiga; mas o tempo seguindo o seu curso invariavel, viera acordal-a na desastrosa realidade em que não queria pensar.

O marido voltando do trabalho, para jantar, esquecera no turbilhão dos seus affazeres scientificos, a morte da creança. E para cumulo do desamor, não encontrára uma só phrase de commiseração para Margarida, que olhava ainda com o seu mais doce olhar de mãe, a fronte inanimada do filho.

Entrando:

— Ainda estás com isso no collo?

*

Não sentia o coração d'esse homem. Toda a maleabilidade moral d'aquelle organismo fôra para o cerebro. Alma não a tinha, e se algum dia a tivera, roubára-lh'a em creança a ama! Era uma machina aperfeiçoada da intelligencia humana, mas pedir-lhe que sentisse, que chorasse, que risse, que manifestasse um só dos varios sentimentos que illuminam o organismo do homem, era o mesmo que pedir á locomotiva para parar na sua carreira vertiginosa, chorando o infeliz que deixára, cortado em pedaços, na linha!

Por isso esse marido não chorava. Tambem não ria! A morte da creança, Margarida, sentindo fugir-lhe as forças que até alli a amparavam tão corajosamente, cahiu na cama. O desalento, a saudade, a desillusão, haviam de matal-a. A febre apoderára-se do seu corpo, a doença manifestára-se abertamente, ella nem sequer pensára em lutar desanimada já pela derrota que havia pouco soffrera. Limitou-se a esperar resignada e quem sabe talvez, feliz!

O marido que, á noute, de volta do trabalho scientifico, se informava invariavelmente da sua saude, encostado á porta do quarto, entrára d'esta vez, ás supplicas da familia que julgava proxima a hora suprema de Margarida.

Chegára junto do leito de onde ella nunca mais se haveria de levantar, e olhando-a, nem uma unica contracção se descobriu na sua cynica physionomia. Margarida abriu os olhos e fitando-o longamente:

— Estou melhor...

Elle, apoiando as mãos nas bordas do leito, curvou-se para depôr um beijo na fronte da esposa que ia perdêr. Era a primeira vez depois de um anno...

O olhar de Margarida que o não deixára um segundo, illuminou-se então de um brilho extranho, e, indignada, n'um gesto brusco, levantou com a mão direita a dobra da roupa.

Os labios d'elle roçaram apenas o algodão do lençol.

João Costa.

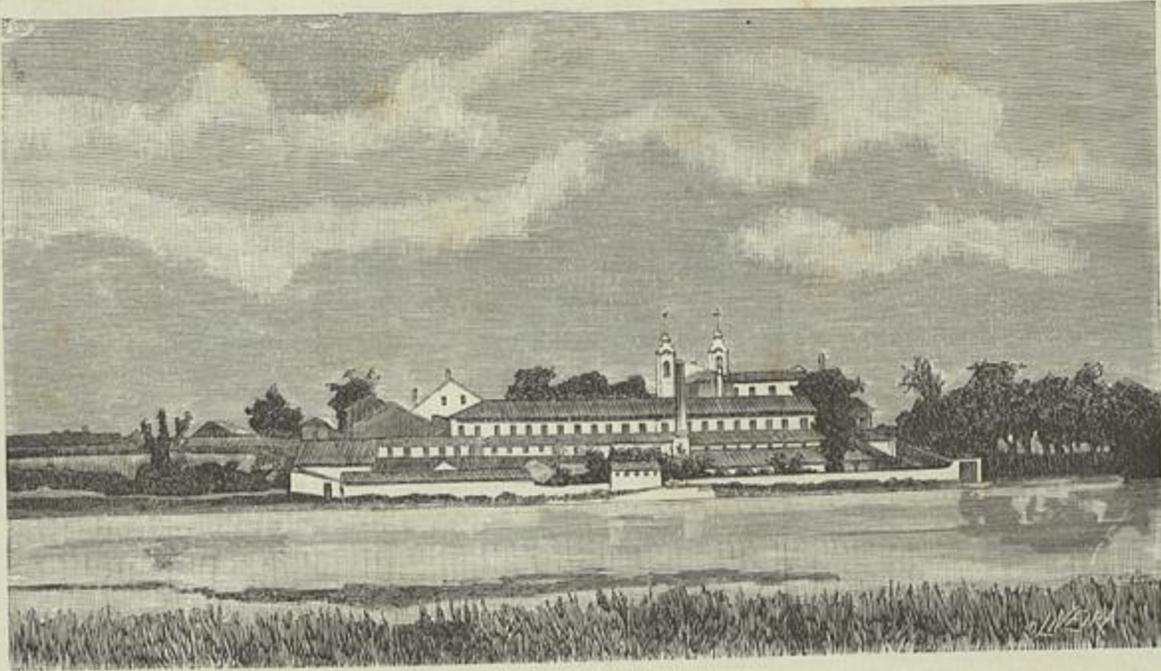
RESENHA NOTICIOSA

CONFERENCIA NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA. O sr. Paiva de Andrada realisou na sala da *Sociedade de Geographia de Lisboa* uma interessante conferencia sobre diversos pontos da nossa Africa Oriental. As communicações que fez são muito importantes.

HOMENAGEM A CAMILLO CASTELLO BRANCO. Alguns empregados no commercio da cidade do Porto, vão organisar uma sociedade de instrucção sob o titulo de Sociedade *Camillo Castello Branco*, pedindo ao grande escriptor, licença para usar esta denominação.

EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO GRUPO DO LEÃO. Abriu no dia 15 do corrente, ao publico, nas salas do *Commercio de Portugal*, a costumada exposição de quadros do *Grupo Leão*, a que bem se póde chamar o pequeno *Salon* de Lisboa. A exposição d'este anno destaca-se vantajosamente das dos annos anteriores, se não pela quantidade dos quadros, que é pouco mais ou menos a mesma dos mais annos, pela qualidade e variedade, em que se revela notavel progresso. O numero de quadros a oleo é de 111, o de desenhos e aguarellas 13, e o de esculpturas 5. Dos quadros a oleo quasi a metade d'aquelle numero, são de figura e composição, os restantes são de paisagem e architectura, o que tudo dá á exposição uma variedade desusada nas exposições anteriores. Figuram n'esta exposição obras dos seguintes artistas: Bastos, Bordallo Pinheiro (D. M. A.), Columbano, Christino, Condeixa, Gomes (D. Helena), Greno (D. Josepha), Greno (A. C. M.), Malhôa, Moreira Rato, Pinto, Ramalho, Reis, Silva Porto, Souza Pinto, Soares dos Reis, Vaz, Vieira e Villaça.

A exposição tem sido muito visitada e já se tem vendido um bom numero de quadros, o que bem denota que o publico se vae interessando pela arte nacional. Para melhor completar a exposição, ha este anno uma novidade. Além do catalogo illustrado, publicado pelo sr. Alberto de Oliveira, um dos mais dedicados influentes do *Grupo do Leão*, o sr. Benarus, um distincto artista amador de pintura e de photographia, photographou grande parte dos quadros expostos e offereceu ao grupo uma boa porção de photographias, que são vendidas aos visitantes, pela modica quantia de 100 réis cada uma. O producto da venda d'estas photographias, assim como o das entradas pagas ás quintas feiras e mais a percentagem de 5 % das vendas realisadas, é destinado a um ou mais premios aos artistas cujas obras forem julgadas merecedoras d'essa recompensa. Isto é mais um incentivo para o progresso dos artistas que tão corajosamente iniciaram esta exposição annual, que de resto tem conquistado as sympathias do publico. Brevemente principiará nas paginas do OCCIDENTE a apparecer a critica e a reproducção em gravura de alguns dos bellos quadros que figuram n'esta exposição.

CONDES DE PARIS. Chegaram a Lisboa os srs. condes de Paris que vêem visitar a sr.ª princeza D. Maria Amelia. Pouco depois da sua chegada partiram para Villa Viçosa, onde se acha a illustre princeza.

FABRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE (Segundo uma photographia de Sartoris)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Obulo ás creanças por Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmento, collaborado por Joaquim Ferreira Moutinho. Porto, 1887. Um volume in 4.° com uma capa allegorica colorida 174 pag., LXXXV de prologo, oito de epilogo, frontispicios e dedicatorias, etc., com dois retratos de Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmento. A grandiosa idéa que presidiu a este livro, do producto da venda ser em beneficio do hospital de creanças Maria Pia e da creche de S. Vicente de Paula, não podia ser mais sympathica e tocante. Uma commissão editora, composta de varios cavalheiros philanthropos, conseguiu que este livro fosse gratuitamente impresso, concorrendo para isso as principaes typographias do Porto, compondo e imprimindo cada uma um certo numero de paginas, sendo os trabalhos lytographicos e de brochura feitos tambem gratuitamente, em officinas d'aquella cidade; a tiragem foi de 5:000 exemplares, dos quaes o sr. conde de S. Salvador de Mattosinhos tomou 500 para distribuir no Rio de Janeiro entre os seus amigos e opulentos membros da colonia portugueza. O livro, precedido de um interessantissimo prologo pelo sr. Joaquim Ferreira Moutinho, compõe-se de *Estudos da velha historia portugueza—Escavações etymologicas — Estudos Bibliographicos — Traços de ideias — Paginas intimas — Resignação — A maior dôr humana — Rachel — Parenthesis biographico — A procissão dos moribundos — Commentarios á procissão dos moribundos — Procissão dos mortos — Commentarios á procissão dos mortos — Epilogo.* É grande, como se vê, a variedade de producções litterarias que este livro contem, e não são poucos os primores que n'elle se encontram. A sua confecção typographica é muito perfeita e honra bastante as typographias portuenses. A caridade deve coroar a generosa idéa com que este livro foi feito e em que se empenharam tantas dedicações.

Historia da Lusitania e da Iberia por João Bonança. Na série de artigos, espalhados por quasi toda a imprensa de Portugal, assignados pelos escriptores mais independentes e por isso mais auctorisados, vêmos que a *Historia da Luzitania e da Iberia* é, além de uma obra de sciencia, uma obra patriotica de rejuvenescimento para a sociedade portugueza.

Na Allemanha, o emporio da sciencia analytica, W. Kühl tem conseguido uma pronunciada tendencia dos homens de lettras d'aquella grande nação, em favor da *Historia da Luzitania.*

A Hespanha e a Italia têem dado provas do extraordinario movimento de sympathia para o nome do sr. João Bonança, auctor da *Historia da Luzitania e da Iberia;* movimento que se tem feito reflectir accentuadamente nos estabelecimentos scientificos d'essas nações.

Ultimamente tambem na Inglaterra se sentiu a necessidade de possuir as affirmações do arrojado portuguez que vem transformar a historia das nações da Europa.

De Oxford, a rival universitaria de Cambridge, foram a uma importante livraria de Lisboa pedidos todos os fasciculos publicados da obra do sr. João Bonança.

As assignaturas para esta obra fazem-se por fasciculos de 32 paginas, ao preço de 400 réis cada um, pagos no acto da entrega.

Como porém se póde assignar por volume ao preço adiantado de 6$000 réis, foi n'este sentido feito o pedido da casa James Parker & C.ª de Oxford.

N'este primeiro artigo, daremos, sem pretenções a critica, uma ligeira ideia do que seja o notavel trabalho do sr. João Bonança, para se avaliar desde já o plano de alto criterio que preside á sua constituição.

A *Historia da Luzitania e da Iberia* occupará no 1.° Tomo mais de 500 paginas, concernentes no *Livro* 1.°, ás seguintes *Eras:*

1.ª estellaria; 2.ª transitorial ou azoica; 3.ª era annelidicrustaciaria; 4.ª piscinsectaria; 5.ª repetilaria; 6.ª aviaria; 7.ª mammiferaria; 8.ª angiospermaria; 9.ª homaria; 10.ª isothmaria.

No 2.° *Livro, a era glaciaria,* contém 10 capit.—o 3.° contém 8 capit. sobre a *era actual,* orographia, rochas e mineraes da Luziberia—o 4.° *Livro* tratará das aguas *mineremedicinaes e industriaes*—o 5.° sobre a *flora luziberica*—e o *Livro* 6.° com que fecha o Tomo trata da *fauna luziberica.*

No 2.° Tomo, o seu L.° 7.° trata da *geographia civil da Peninsula Hespanica no dominio romano,* abrangendo 5 capitulos—O L.° 8.° contém 4 capitulos sobre *moedas, legendas e inscripções luzibericas.* Este volume trata da mesma materia que *Las medallas Autónomas de Espana* do sabio hespanhol D. Antonio Delgada. Trata porém d'esse assumpto com manifesto interesse para nós, porque se refere tambem ás moedas que dizem respeito á nossa antiga nacionalidade luzitanica.

A obra hespanhola custa 40$000 réis, e uma outra do mesmo genero de mr. Heiss custa 18$000 réis.

Estas obras dão unicamente soluções vagas sobre o problema até hoje insoluvel da decifração das legendas e inscripções celtibericas; a obra portugueza que auctoridades respeitaveis dizem resolver esse problema, custa apenas 6$000 réis.

No Tomo 3.° que principia no L.° 9.°, trata o auctor nos seus 10 capitulos dos alphabetos *luziberico, phenicio, grego e latino;* e das linguas *latina, hespanhola e portugueza.* O L.° 10.° encerra tambem 10 capitulos muito elucidativos sobre a ethnographia *da primitiva raça hespanica.* O L.° 11.°, com que termina toda a obra, dirá a ultima palavra sobre as *invasões cartagineza e romana,* e sobre as sociedades europeas anteriores ás epochas prehistoricas.

Assignaturas: por fasciculos de 32 paginas pagos no acto da entrega em Lisboa e nas terras em que houver estações postaes, 400 réis cada um; cada volume, pago adiantado, 6$000 reis; —a obra completa 17$000 réis. Depois de publicada, a obra custará 27$000 réis.—Estão publicados CINCO fasciculos. Toda a correspondencia á Empreza da Historia da Luzitania e da Iberia —Rua Ivens, 41, Lisboa.

Catalogo Illustrado publicado por Alberto de Oliveira, Lisboa, 1887. Está publicado mais um bello catalogo da exposição do *Grupo do Leão,* devido ao illustrado editor o sr. Alberto de Oliveira, que tomou a seu cargo a confecção d'este interessante livrinho, que todos os annos é exposto á venda nas salas da exposição. O numero das obras n'elle relacionadas é de 129, e é illustrado com vinte e quatro dezenhos feitos pelos auctores dos quadros, e que dão ao catalogo um *cachet* artistico pouco visto entre nós.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa